

Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade

Replicability of the Five Factor Model in personality measurements

Renata Saldanha Silva
Carlos Guilherme Schlottfeldt
Mariana Prates Rozenberg
Mariana Teles Santos

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG, Brasil
Álvaro José Lelé

Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte – MG, Brasil

Resumo

O modelo dos cinco grandes fatores descreve a personalidade humana em termos de grandes dimensões, cada uma reunindo uma variedade de traços psicológicos. Esse modelo é um dos mais utilizados em pesquisa acerca da personalidade por se mostrar abrangente e conciso. Assim sendo, no presente estudo, investigou-se a replicabilidade dos cinco fatores em dois instrumentos de medida da personalidade: o Inventário Fatorial da Personalidade – IFP e as Escalas de Personalidade de Comrey – CPS. Esses instrumentos foram aplicados a 654 estudantes universitárias de psicologia, sexo feminino, com idade entre 19 e 58 anos ($M=25,66$ anos, $DP=6,84$). A Análise Fatorial, com método de rotação varimax, mostrou que o modelo de cinco fatores seria o mais adequado para agrupamento das escalas dos testes. Confirma-se, assim, a replicabilidade dos cinco fatores mesmo em instrumentos fundamentados em outras teorias da personalidade.

Palavras-chave: Personalidade; cinco grandes fatores; avaliação psicológica; análise fatorial.

Abstract

The Five Factor Model describes the human personality based on great dimensions, each one grouping a variety of psychological traits. This model has been one of the most utilized in researches concerning personality because it is wide and precise. Therefore, in the present study, it was investigated the five factor replicability by two personality measurement instruments: Personality Factor Inventory – IFP and Comrey Personality Scales – CPS. These instruments were administered to 654 female university students, aged between 19 and 58 years old ($M= 25,66$ years old, $SD=6,84$). The Factor Analysis, with varimax rotation method, showed that the Five Factor Model would be the most appropriated to group the tests scales. It is confirmed, this way, the replicability of the five factor even by instruments based in others personality theories.

Key-words: Personality; big five factors; psychological assessment; factor analysis.

Os autores agradecem a Profa. Dra. Carmen Flores-Mendoza, pela revisão de análises e redação do artigo.

Introdução

As teorias fatoriais da personalidade podem ser conceituadas como um delineamento matemático da estrutura da personalidade que reflete uma síntese de características básicas, considerando-se suas principais propriedades e as relações entre elas (Pervin & John, 2004). De acordo com estas teorias, a personalidade pode ser entendida como um conjunto de padrões estáveis das dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais dos seres humanos.

Entre as teorias clássicas fatoriais mais importantes acerca da personalidade destacam-se as desenvolvidas por R. B. Cattell e H. J. Eysenck.

Cattell, na construção de sua teoria, baseou-se em análises fatoriais de descrições de personalidade obtidas através de entrevistas, questionários e avaliações entre pares. Atribuiu-se a Cattell o desenvolvimento de uma metodologia que permitiu agrupar de forma objetiva centenas de descritores de traços (Digman, apud Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Antón & Wieczorek, 1998). Para isso, Cattell partiu da abordagem léxica, que utiliza os descritores encontrados na linguagem natural das pessoas como fonte para encontrar as principais características da personalidade humana (García, 2006). Sua pesquisa resultou em um modelo baseado em 16 fatores primários que se combinam a seis fatores de segunda ordem sendo operacionalizado por meio do instrumento Sixteen Personality Factor Questionnaire (16PF; Eber & Tatsuoka apud Noller et al, 1987; García, 2006).

A teoria de Eysenck, diferente da de Cattell, não está baseada na linguagem, mas em parâmetros biológicos dos traços. Deste modo, Eysenck considerava como traços do temperamento, aquelas características que tivessem uma base biológica obtida através de estudos correlacionais e experimentais (García, 2006). Neste sentido, na década de 1950,

desenvolveu-se o Eysenck Personality Inventory (EPI; Eysenck & Eysenck, apud García, 2006), que avaliava a introversão e o neuroticismo. Mais tarde, na década de 1970, com o objetivo de estudar as diversas formas das psicoses, desenvolveu-se o Eysenck Personality Questionnaire (EPQ, Eysenck & Eysenck apud García, 2006). Este instrumento traz uma inovação ao anterior: a inclusão do terceiro fator ao modelo de Eysenck, o chamado fator de Psicoticismo (Eysenck apud García, 2006) e, a partir de então, a teoria de Eysenck passa a ser conhecida como sistema PEN (Psicoticismo, Extroversão e Neuroticismo).

O fator Psicoticismo reúne características como egocentrismo, frieza, agressividade, impessoalidade, impulsividade, falta de empatia, criatividade, obstinação e anti-sociabilidade. Tal fator é definido pela tendência a ser solitário e insensível, mas a aceitar os costumes sociais e se interessar por outras pessoas. A Extroversão inclui fatores primários de sociabilidade, vitalidade, atividade, assertividade, busca de sensações, dominância. Assim, a dimensão introversão caracteriza-se pela disposição a ser quieto, reservado, reflexivo e evitar riscos, enquanto a dimensão extroversão caracteriza-se pela disposição para ser sociável, simpático e correr riscos. Por fim, Neuroticismo caracteriza a ansiedade, depressão, sentimentos de culpa, baixa auto-estima, tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e emotividade (Pervin & John, 2004).

Diversos estudos (Digman, 1979, Digman & Inouye, 1986) apontam que o teste desenvolvido por Eysenck, EPI, subvaloriza o número de fatores necessários para avaliar a personalidade. Por outro lado, os mesmos estudos apontam que Cattell, no 16PF, sobrevaloriza as dimensões ao utilizar 16 fatores. Um instrumento que utiliza um número intermediário de fatores são as Escalas de Personalidade de Comrey

(CPS; Costa 2003) que utiliza oito fatores descritos nas seguintes escalas: Confiança - Atitude Defensiva; Ordem - Falta de Compulsão; Conformidade - Inconformidade Social; Atividade - Passividade; Estabilidade Emocional - Neuroticismo; Extroversão - Introversão; Masculinidade - Feminilidade; Empatia - Egocentrismo.

As diversas teorias fatoriais da personalidade fomentaram diversas pesquisas, entre elas, um estudo comparativo realizado por Noller, Law e Comrey (1987) com três instrumentos: 16PF, CPS e o EPI. Os autores encontraram evidências que corroboram a existência de um modelo pentafatorial estável da personalidade.

Diferente dos modelos teóricos apresentados, o modelo dos cinco grandes fatores é um modelo ateórico. Os cinco fatores foram descobertos a partir da análise de descritores da personalidade, encontrados na linguagem natural. Partiu-se da hipótese lexical fundamental, que afirma que "as diferenças individuais mais importantes nas transações humanas serão codificadas como termos únicos em algumas ou em todas as línguas do mundo" (Goldberg apud Pervin & John, 2004, p. 215). Desse modo, o modelo dos cinco grandes fatores parte do pressuposto de que todos os aspectos da personalidade humana que têm alguma importância estão registrados na linguagem natural. (Cattell apud McCrae, 2006).

O surgimento destes cinco fatores léxicos possibilitou a elaboração de uma taxonomia, através da qual é possível classificar todos os traços de personalidade reconhecidos tanto por psicólogos quanto por leigos (McCrae, 2006). Além disso, o modelo dos cinco grandes fatores abriu caminho ao desenvolvimento de novos instrumentos criados especificamente para avaliar os fatores (De Raad & Perugini apud McCrae, 2006).

Este modelo tem sido o mais utilizado em pesquisas acerca da personalidade, por ter-se mostrado abrangente e conciso. Apesar de considerar os traços de personalidade como biologicamente fundamentados, o modelo dos cinco grandes fatores reconhece que existem adaptações psicológicas aprendidas a partir das experiências cotidianas (McCrae, 2006). Dessa forma, os traços de personalidade serviriam como um auxílio à forma como interpretamos nosso ambiente e respondemos a ele, o que explica as diferenças individuais. O modelo dos cinco grandes fatores "sustenta que os traços com base biológica interagem com o ambiente social para orientar nosso comportamento a cada instante" (McCrae, 2006: 215).

Embora existam algumas controvérsias com relação à denominação de cada fator, de acordo com a nomenclatura utilizada no manual do Inventário de Personalidade NEO revisado (NEO PI-R), versão brasileira, têm-se: Extroversão, Neuroticismo, Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade.

A Extroversão corresponde ao nível de sociabilidade de um indivíduo. Características como atividade (alto nível de energia), disposição, otimismo e afetuosidade fazem parte da definição de um indivíduo extrovertido. Por outro lado, os introvertidos são sérios e inibidos e evitam a companhia de outras pessoas. Não são necessariamente tímidos, já que podem possuir um bom nível de habilidades sociais.

O Neuroticismo diz respeito à instabilidade/estabilidade emocional de um sujeito. Esse traço refere-se a emoções negativas, como ansiedade, desamparo, irritabilidade e pessimismo. Indivíduos com alto escore nesse fator tendem a ser bastante preocupados, melancólicos e irritados. Geralmente são ansiosos e apresentam mudanças frequentes de humor e depressão. Tendem a sofrer de

transtornos psicossomáticos e apresentam reações muito intensas a todo tipo de estímulos. Contrariamente, o sujeito estável tende a responder a estímulos emocionais de maneira controlada e proporcionada. Retorna rapidamente a seu estado normal após uma elevação emocional. Normalmente é equilibrado, calmo, controlado e despreocupado.

A Abertura à Experiência caracteriza-se por um interesse intrínseco na experiência em uma ampla variedade de áreas. Engloba traços como flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação, interesses culturais, versatilidade e curiosidade. Indivíduos fechados, ao contrário, preferem o conhecido e a rotina e prezam os valores tradicionais.

A Amabilidade refere-se a traços que levam a atitudes e a comportamentos pró-sociais. Indivíduos com alto escore nesse fator possuem tendência a serem socialmente agradáveis, calorosos, dóceis, generosos e leais. Enquanto que aqueles que apresentam baixa cordialidade são mais preocupados com seus próprios interesses e desconfiam facil-

mente das outras pessoas.

A Conscienciosidade refere-se ao senso de contenção e sentido prático. Indivíduos com alta responsabilidade são zelosos e disciplinados, apresentando características como honestidade, engenhosidade, cautela, organização e persistência. Já os que possuem baixa responsabilidade são relaxados e sem ambição. Possivelmente, são mais distraídos e até mesmo preguiçosos, sendo facilmente desencorajados a cumprir uma tarefa.

De acordo com o modelo dos cinco grandes fatores, cada traço da personalidade subdivide-se em seis facetas inter-relacionadas, que podem ser definidas como fatores primários do traço em questão (García, 2006). As facetas possuem o importante papel de representar da melhor maneira possível a amplitude e o alcance de cada fator (McCrae, 2006), proporcionando informações mais detalhadas que não estão refletidas no traço temperamental por si só (García, 2006). Elas distribuem-se conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Facetas do modelo dos cinco grandes fatores distribuídas por fator

Fatores	Neuroticismo	Extroversão	Abertura	Amabilidade	Conscienciosidade
Facetas	Ansiedade Hostilidade Depressão Autoconsciência Impulsividade Vulnerabilidade	Acolhimento Gregarismo Assertividade Atividade Busca de sensações Emoções positivas	Fantasia Estética Sentimentos Ações Idéias Valores	Confiança Franqueza Altruísmo Aquiescência Modéstia Sensibilidade	Competência Ordem Senso de dever Direcionamento Autodisciplina Deliberação

Um dos principais motivos da atual predominância do modelo dos cinco grandes fatores é a sua replicabilidade (García, 2006). Os cinco fatores já foram encontrados independentemente do país, dos instrumentos de medição utilizados e da pessoa que é avaliada (García, 2006). Essas três evidências representam, além de um critério de validação do modelo dos cinco grandes fatores, a validação também dos traços de personalidade em geral.

Os principais questionários e inventários de avaliação da personalidade, desenvolvidos com base em várias teorias da personalidade (por exemplo, o 16-PF, o Minnesota Multiphasic Personality Inventory - MMPI, a escala de Necessidades de Murray, o Califórnia Q-Set, as escalas de Comrey, entre outros), quando submetidos a análises fatoriais, isoladamente ou em conjunto, produzem soluções compatíveis

com o modelo dos cinco grandes fatores (Ozer & Reise, 1994; Hutz & col., 1998).

Em um estudo em que são comparadas uma amostra de brasileiros e outra de norte-americanos, obteve-se uma estrutura fatorial quase idêntica entre as duas. Os dados norte-americanos eram de auto-relatos feitos por adultos. Os dados brasileiros eram hetero-avaliações de estudantes e adultos feitas por universitários quase 15 anos mais tarde. Os norte-americanos responderam a um questionário em inglês e os brasileiros a uma tradução para o português do Brasil. Nem a fonte dos dados, nem a idade do alvo, tampouco a época ou a língua e a cultura exerceram influências significativas sobre os resultados encontrados. Isso comprova mais uma vez que o modelo dos cinco grandes fatores descreve satisfatoriamente a personalidade humana (McCrae, 2006).

Como foi dito anteriormente, já se sabe que diferentes países apresentam estruturas de personalidade coerentes com o modelo dos cinco grandes fatores, inclusive o Brasil. Entretanto, poucos estudos têm sido feitos acerca da replicabilidade deste modelo em outros instrumentos de personalidade validados no Brasil. Com base nisto, o objetivo do presente estudo foi testar a replicabilidade do modelo dos cinco grandes fatores em duas medidas de per-

sonalidade muito usadas: O Inventário Fatorial de Personalidade (IFP) e a Escala de Personalidade de Comrey (CPS).

Método

Amostra

O estudo foi realizado em uma instituição de ensino superior particular na cidade de Belo Horizonte - MG. A amostra foi composta por 654 estudantes universitárias do sexo feminino, do curso de psicologia, com idades entre 19 e 58 anos ($M=25,66$ anos, $DP=6,84$).

Instrumentos

Foram administradas duas escalas de avaliação da personalidade:

Inventário Fatorial da Personalidade (IFP): consiste num inventário objetivo da personalidade, de natureza verbal e baseado na teoria das necessidades básicas de Henry Murray (1938). Reúne 15 fatores da personalidade, que são representados por 155 itens, medidos numa escala tipo Likert de 7 pontos. O teste conta também com uma escala de mentira e outra de desejabilidade social. Encontra-se, na Tabela 2, a relação dos fatores seguida de uma sucinta descrição (Pasquali, Azevedo & Ghesti, 1997).

Tabela 2 - Síntese dos fatores do Inventário Fatorial de Personalidade

Fatores do IFP	Descrição
Assistência	Expressa, em sujeitos fortes neste fator, os sentimentos de piedade, compaixão e ternura, pelos quais o sujeito busca dar simpatia e gratificar as necessidades de outro.
Intracção	Tendência, em sujeitos fortes neste fator, de se deixarem conduzir por sentimentos e inclinações difusas e por julgamentos subjetivos. Busca da felicidade pela fantasia e imaginação.
Afago	Busca de apoio, proteção, amor, orientação e consolo caracterizam sujeitos fortes neste fator. Expectativa de ter seus desejos satisfeitos por alguém querido.
Deferência	Respeito, admiração e reverência às autoridades em sujeitos com altos escores neste fator.
Afiliação	Em sujeitos com altos escores neste fator, desejo de dar e receber afeto de pessoas amigas. Caracterizados pela confiança, boa vontade, amor e lealdade.
Dominância	Expressa sentimentos de autoconfiança e desejo de controlar os outros através da sugestão, sedução, persuasão e comando, em sujeitos fortes neste fator.

Tabela 2 (Cont.) - Síntese dos fatores do Inventário Fatorial de Personalidade

Denegação	Em sujeitos fortes neste fator, desejo de se submeter passivamente à força externa, aceitar desaforo, castigo e culpa. Resignar-se ao destino e admitir inferioridade.
Desempenho	Desejo de realizar algo difícil, como dominar, manipular e organizar objetos, pessoas e idéias.
Exibição	Desejo de impressionar, ser ouvido e visto. Os sujeitos fortes neste fator gostam de exercer fascínio sobre os outros.
Agressão	Desejo de superar com vigor e violência a oposição. A raiva, irritação e ódio caracterizam sujeitos fortes neste fator.
Ordem	Tendência a pôr todas as coisas em ordem, manter limpeza, organização, equilíbrio e precisão caracterizam os sujeitos fortes neste fator.
Persistência	Tendência de levar a cabo qualquer trabalho iniciado. Pode levar o sujeito com altos escores neste fator à obsessão pelo resultado final de um trabalho.
Mudança	Desejo de desligar-se de tudo que é rotineiro e fixo é o desejo de uma pessoa com alto escore nesse fator. Gosto pela novidade e pela aventura.
Autonomia	Sentir-se livre, sair do confinamento, resistir à coerção e oposição caracterizam sujeitos fortes nesse fator, que não gostam de se submeterem às imposições das autoridades.
Heterossexualidade	Desejo de manter relações, desde românticas até sexuais com indivíduos do sexo oposto.

Fonte: Inventário Fatorial de Personalidade: manual técnico e de avaliação / Luiz Pasquali, Maria Mazzarello Azevedo, Ivânia Ghesti. São Paulo: Casa do Psicólogo: 1997.

Escala de Personalidade de Comrey (CPS): instrumento destinado a medir de forma objetiva os diversos fatores da personalidade, capaz de diagnosticar tanto qualitativa como quantitativamente os fatores detectados em cada sujeito.

Possui 100 afirmações, respondidas através de uma escala de 7 pontos. O teste agrupa seus itens em duas escalas de validação e oito escalas fatoriais de personalidade, descritas na Tabela 3 (Comrey, 1997).

Tabela 3: Síntese dos Fatores da Escala de Personalidade de Comrey

Escalas do CPS	Descrição
Confiança x Atitude Defensiva	Escores altos: crença na honestidade, confiabilidade e boas intenções das outras pessoas. Acreditam que os outros desejam-lhe o bem e possuem fé na natureza humana. Escores baixos: indicam falta de crença na honestidade, confiabilidade e boas intenções das outras pessoas. Os indivíduos são cínicos, defensivos, desconfiados e possuem uma opinião baixa do valor do homem comum.
Ordem x Falta de Compulsão	Escores altos: pessoas cuidadosas, meticolosas, ordeiras e muito organizadas. Os indivíduos tendem a se preocuparem com limpeza e apreciam a rotina. Escores baixos: pessoas pouco cuidadosas e pouco organizadas. Inclina-se a serem descuidadas, relaxadas, não sistemáticas em seu estilo de vida, imprudentes e poucos asseadas.
Conformidade x Inconformidade Social	Escores altos: aceitam a sociedade como ela é, ressentem-se do não conformismo de outras pessoas, procuram aprovação da sociedade, e respeitam as leis. Escores baixos: inclinam-se a contestar a lei e as instituições, ressentem-se do controle, não aceitam a sociedade como ela é, são rebeldes.
Atividade x Passividade	Escores altos: têm muita energia e resistência, trabalham muito e procuram padrões de excelência. Gostam de atividade física, possuindo grande energia e perseverança e esforçando-se para atingir seu máximo. Escores baixos: inclinam-se à inatividade física, faltando-lhes vigor e energia, cansam-se rapidamente e quase não têm motivação para superar-se. Esforçam-se pouco para atingir seus objetivos.
Estabilidade Emocional x Neuroticismo	Escores altos: são livres de sentimentos de depressão, são otimistas, tranquilas, estáveis de humor, e confiantes. Escores baixos: demonstram sentimentos de inferioridade, são agitados, deprimidos, pessimistas e reagem com freqüentes oscilações de humor, possuindo falta de confiança em si mesmos

Tabela 3 (Cont.): Síntese dos Fatores da Escala de Personalidade de Comrey

Extroversão x Introversão	Escores altos: interagem facilmente com os outros, procuram novos amigos, sentem-se à vontade com pessoas estranhas e não têm medo de aparecer em público. São expansivos, sociáveis e acessíveis. Escores baixos: são mais reservados, reclusos, fleumáticos, tímidos, com dificuldade para estabelecer contato com outros e receiam ser o foco de atenção.
Masculinidade x Feminilidade	Escores altos: tendem a ser teimosos, durões, frios, não se incomodam com sangue, bichos rastejantes, vulgaridade, e não choram facilmente nem mostram muito interesse em histórias de amor. Escores baixos: choram com facilidade, perturbando-se com animais rastejantes e pegajosos e demonstram grande interesse no romantismo.
Empatia x Egocentrismo	Escores altos: São pessoas prestativas, generosas, simpáticas e que estão interessadas em dedicar suas vidas ao serviço de outros. Escores baixos: não são particularmente empáticos ou prestativos, tendendo a ocuparem-se de si mesmos e com seus próprios objetivos, não demonstrando interesse em dedicar suas vidas ao serviço de outros.

Fonte: Escalas de Personalidade de Comrey: manual técnico / Andrey L. Comrey. Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda: 1997.

Procedimentos

Todos os testes foram aplicados coletivamente em sala de aula, seguindo as instruções dos respectivos manuais de aplicação. Os instrumentos foram aplicados em dias variados.

Os dados resultantes foram analisados mediante o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 15. Foram realizadas análises de estatística descritiva, a fim de caracterizar a amostra e Análise Fatorial Exploratória, a fim de verificar se um modelo de cinco fatores seria o mais adequado para agrupamento das escalas dos testes.

Para a análise fatorial dessas escalas, empregou-se a Principal Axis Factoring (PAF), técnica que elimina a variância do erro que contamina os componentes. Para interpretação dos fatores utilizou-se o método de rotação varimax, pois este maximiza os efeitos das cargas fatoriais, facilitando assim a identificação de relações entre estas (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

Cabe destacar que a análise fatorial foi feita em nível de escalas e não dos itens das escalas. Costa e McCrae (1992), por exemplo, consideram que o NEO PI-R, um dos instrumentos de avaliação dos cinco grandes fatores mais utilizados no mundo, pode ser mais bem

analisado em nível de facetas do que de itens. Isto porque as facetas representam melhor os traços de personalidade do que os itens. Além disso, Noller, Law e Comrey (1987) consideram que as escalas de personalidade cobrem de maneira ampla os mesmos domínios com diferentes nomes, razão pela qual uma análise fatorial poderá identificar as intercorrelações entre as escalas e, portanto, verificar se emerge um modelo robusto de personalidade envolvendo cinco fatores.

Resultados

O teste KMO apresentou o valor 0,753, que indica boa adequação dos dados para a análise fatorial. Já o teste de esfericidade de Bartlett mostrou significância menor que 0,0001, de onde se conclui que a matriz de correlações não é a matriz identidade, ou seja, há correlações entre as variáveis, que permite o agrupamento destas em fatores (Hair & cols, 2005).

Para melhor adequação ao modelo, alguns fatores dos testes foram excluídos da análise. Estes foram:

- 1 Mentira e Desejabilidade social (IFP); Validade e Tendenciosidade da Resposta (CPS) – trata-se de itens de

validade, que medem a atitude do sujeito diante da situação de testagem e, portanto, não são escalas de personalidade.

- 2 Masculinidade (CPS) - Não apresentou relações significativas com as outras escalas dos testes, indicando serem fatores específicos e, portanto, inadequados para o agrupamento em fatores.
- 3 Heterossexualidade (IFP) - Por tratar-se de um fator em que seus itens são nitidamente relacionados à dinâmica da sexualidade dos sujeitos, considera-se pouco pertinente para a descrição e compreensão das dimensões da personalidade estruturada de acordo com os modelos investigados neste estudo.

- 4 Desempenho (IFP) - Foi inicialmente incluído na matriz, mas apresentou carga fatorial significativa em vários fatores, provavelmente por conter itens que se relacionam com mais de um fator do modelo dos cinco grandes fatores. Assim, esta escala não seria útil pra o modelo em questão.

Para escolha do número de fatores optou-se pelo critério da raiz latente, que considera que os fatores obtidos devem ter autovalores maiores que um (Hair & cols, 2005). Desta forma, foram extraídos cinco fatores que explicam, juntos, 47,26 % da variância. Para interpretação desses cinco fatores empregou-se o método de rotação varimax. A tabela 4 apresenta a matriz fatorial extraída.

Tabela 4: Matriz fatorial das escalas dos testes IFP e CPS

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	h2
IFP Assistência	0,827					0,584
IFP Intração	0,532					0,371
IFP Afago	0,563					0,465
IFP Deferência	0,522					0,383
IFP Afiliação	0,723					0,588
CPS Empatia	0,413					0,273
IFP Agressão		0,666				0,509
IFP Exibição		0,791				0,608
IFP Dominância		0,779				0,549
IFP Denegação	0,305		-0,426			0,348
CPS Confiança			0,368			0,202
CPS Extroversão			0,563			0,402
CPS Atividade			0,642			0,397
CPS Estabilidade Emocional			0,714			0,421
IFP Persistência				0,565		0,410
IFP Ordem				0,769		0,411
CPS Ordem				0,629		0,334
CPS Conformidade					-0,397	0,201
IFP Mudança	0,390				0,445	0,388
IFP Autonomia					0,686	0,376
Autovalor	2,739	2,099	1,840	1,483	1,290	
Variância explicada (%)	13,697	10,495	9,201	7,414	6,452	

O primeiro fator parece representar a dimensão de Amabilidade. Características como altruísmo, desejos e sentimentos de piedade, compaixão e ternura pelos mais fracos, além de necessidades de apoio e proteção são mensuradas pelas escalas relacionadas

neste fator. Uma escala que talvez se distancie um pouco do fator Amabilidade é a “Intração”, do IFP. De acordo com o manual do teste essa dimensão está relacionada a sentimentos e inclinações difusas, à procura pela felicidade, através da fantasia e da imaginação. Assim, o

intraceptivo seria definido por adjetivos do tipo: subjetivo, imaginativo, pessoal nos julgamentos, pouco prático, metafísico, etc., características muito mais ligadas ao fator “Open” (Abertura à Experiência) do que Amabilidade do modelo dos cinco grandes fatores. Entretanto, ao analisar os itens que compõem a escala “Intracção” no IFP, percebe-se que há muitos relacionados à empatia, retratando desejos de compreender os sentimentos e motivações dos outros, por exemplo. Isto talvez explique a alta correlação com o fator Amabilidade. Outra escala que apresentou carga significativa neste fator foi “Deferência” do IFP. Os itens desta escala são relativos a admiração e respeito pela autoridade, características que podem estar relacionadas com as facetas Aquiescência e Modéstia do fator “Abertura”, de acordo com o modelo dos cinco grandes fatores.

O segundo fator obtido é composto por três dimensões do teste IFP: Agressão, Exibição e Dominância. Um alto escore nesta última dimensão indica uma intensa busca por controle nas relações interpessoais, que pode ser exercido pela persuasão, sedução ou comando. Há, também, neste grupo, uma busca constante por ser notado, fazendo-se uso da oratória e articulação motora, buscando sempre impressionar e entreter, o que caracteriza a dimensão da Exibição. As ações orientadas neste grupo atendem, ainda, a uma necessidade de superar qualquer resistência, apresentando-se frequentemente como opositoristas. Chegam também a apresentarem comportamentos agressivos, tanto física quanto verbalmente, explicitando, então, a dimensão da Dominância. Tais características descrevem com precisão o fator de Extroversão do modelo dos cinco grandes fatores.

O terceiro fator extraído pode ser entendido como Neuroticismo. Foram encontradas correlações significativas entre

as escalas de “Estabilidade Emocional”, “Confiança”, “Atividade” e “Extroversão” da escala CPS e o fator Denegação do IFP.

De acordo com os itens que compõem cada fator da escala CPS, é possível verificar a existência de certa afinidade dos fatores do CPS às facetas do Neuroticismo, descritas no modelo dos cinco grandes fatores. Dessa forma, o fator Estabilidade Emocional, do CPS, apresenta maior relação com a faceta Ansiedade, dos cinco grandes fatores, que diz de pessoas apreensivas, nervosas e bastante preocupadas. O fator Confiança, do CPS, possui itens que se assemelham à faceta hostilidade, do modelo dos cinco grandes fatores, caracterizando sujeitos que tendem a experienciar situações de raiva, frustração e amargura. O fator Atividade, do CPS, está diretamente relacionado à faceta depressão, dos cinco grandes fatores, pois seus itens indicam claramente o estado de desânimo, falta de coragem e sentimento de tristeza. O último fator do CPS é a Extroversão, aparentemente alheio à dimensão de Neuroticismo no modelo dos cinco grandes fatores. Contudo, um exame dos itens que constituem esse fator permite verificar que tais enquadram-se na faceta Autoconsciência, da dimensão de Neuroticismo do modelo dos cinco grandes fatores, indicando, assim, a presença, no indivíduo, de emoções como vergonha e embaraço, sensação de desconforto frente a outras pessoas e, conseqüentemente, sentimento de inferioridade em relação ao outro.

Há, ainda, uma correlação negativa entre Denegação do teste IFP e o fator 3, mas essa mesma escala se correlaciona de forma positiva com o fator 1, identificado aqui como Amabilidade. Isso indica que indivíduos com alto escore no terceiro fator extraído têm a tendência de se submeterem de forma passiva à força alheia, aceitar desaforos, castigos e culpa, admitindo por vezes fracasso não como forma de demonstração de fraqueza ou

vulnerabilidade (característica do Neuroticismo) e sim como características da sensibilidade para com o outro. A análise do conteúdo dos itens que compõem a dimensão Denegação no teste IFP permite observar que a idéia de inferioridade pode ser confundida por concessão a terceiros ou prestação de favores, o que em parte caracteriza a agradabilidade social de indivíduos com alto escore em Amabilidade.

O quarto fator extraído apresentou cargas nas facetas Persistência e Ordem do teste IFP e também mostrou correlação com a escala Ordem vs. Falta de Compulsão (O) do teste CPS. Costa (2003) trata esta última escala (O), em um dos extremos, como características de pessoas altamente escrupulosas, meticolosas e ordeiras. Esta descrição é semelhante à dada por Pasquali, Azevedo & Ghesti (1997), em que a faceta Ordem no teste IFP representaria a precisão, organização e equilíbrio na execução das tarefas. Pessoas com alto escore no fator Persistência realizam suas tarefas mesmo diante de qualquer obstáculo, de forma exaustiva, muitas vezes levando-as ao cansaço e a preocupações. Estas descrições se mostram coerentes, então, com fator Conscienciosidade do modelo dos cinco grandes fatores de onde foram extraídas cargas moderadas nas facetas “Persistência”, do IFP, e Ordem, do CPS (0.527 e 0.613 respectivamente) e forte (0.760) na faceta Ordem, do IFP. Tais resultados indicam, então, a grande proximidade entre essas facetas, descritas nos testes IFP e CPS, com a do modelo dos cinco grandes fatores.

Por fim, o quinto fator extraído é composto pelas dimensões “Mudança” e “Autonomia” do IFP e por “Conformidade” do CPS. Entre as características presentes pode citar-se o gosto pela novidade e pela aventura, o interesse por mudanças de hábitos, lugares, etc, além de uma necessidade de sentir-se livre, resistir à coerção e à imposição de

tarefas ou convenções. Essas características parecem estar relacionadas ao fator Abertura do modelo dos cinco grandes fatores. O fator “Conformidade” apresentou carga fatorial negativa, o que é coerente com a descrição deste fator, já que pessoas com alto nível de Abertura são pouco conformistas, questionam as leis e buscam autonomia. A dimensão Mudança, do IFP, também apresentou carga maior do que 0,30 no primeiro fator, denominado Amabilidade. Sugere-se, como uma possível explicação para esta aproximação entre os dois fatores, que pessoas com um alto escore no fator Mudança – caracterizadas pelo desejo de buscarem novidades, como mudar de cidade e relacionar-se com pessoas diferentes – requerem um trato social mais refinado para obterem êxito em sua mobilidade.

Discussão

O modelo dos cinco grandes fatores representa uma avaliação empírica na área da personalidade, fornecendo uma descrição objetiva, consistente e replicável das dimensões da personalidade humana. Apesar de ser relativamente recente, engendrou diversas pesquisas transculturais que corroboram sua universalidade. Ainda existem divergências quanto à denominação dos fatores, mas alcançou-se um consenso em relação ao conteúdo das dimensões, organizadas em torno dos cinco fatores. Apesar de, no Brasil, os estudos ainda serem incipientes, alguns achados fortalecem a aplicabilidade do modelo (McCrae & Terracciano, 2005).

Hutz e colaboradores (1998) em sua pesquisa com o desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores para uso no Brasil, obtiveram, em suas análises fatoriais e aplicando diferentes métodos de extração, cinco

fatores correspondentes aos descritos na literatura. No presente estudo foi verificada a possibilidade da utilização do modelo dos cinco grandes fatores para a população brasileira, assim como na pesquisa citada.

Sustenta-se, desse modo, a replicabilidade do modelo dos cinco grandes fatores, que resulta de uma generalização empírica, a qual possibilita reproduzi-lo independentemente do instrumento ou do método de análise utilizado, tal como Costa e McCrae afirmavam (1992).

Faz-se mister traçar alguns apontamentos em relação à amostra do estudo, composta essencialmente por sujeitos do sexo feminino. Estudos com o Inventário Fatorial de Personalidade – IFP evidenciam algumas diferenças quanto ao sexo em relação aos fatores: pessoas do sexo feminino se sobressaem nos desejos de ajudar os outros e de compreender seus sentimentos, necessitando de maior ajuda, de mudança, respeito e amizade. Enquanto os homens manifestam maiores necessidades de dominar, de se exhibir e de relacionamentos heterossexuais. (Pascual, Azevedo & Ghesti, 1997). Tendo em vista as comprovadas diferenças entre homens e mulheres em personalidade, faz-se necessário um tratamento estatístico que leve em conta tais diferenças. Portanto, é interessante uma amostra fundamentalmente feminina para efetuar-se a análise fatorial. Entretanto, seria interessante a composição de uma amostra masculina, a qual não foi possível obter, neste estudo, para ser submetida à mesma análise. Ressalta-se a importância de tal estudo para pesquisas posteriores.

Em relação à escala Masculinidade/Feminilidade do teste CPS, não foi possível agrupá-la em nenhum fator – tal escala formou um fator separado, o que nos faz levantar a questão de ser esta escala outro fator da personalidade. Hutz & colaboradores (1998) obtiveram um resultado similar quanto a esta escala e

apontaram para a importância de uma investigação que conclua por sua localização no modelo dos cinco grandes fatores. Reitera-se, de acordo com o presente estudo, a necessidade de pesquisas posteriores que elucidem o motivo de a escala Masculinidade / Feminilidade não ter se agrupado em nenhum fator para que se possa averiguar a hipótese de ser esta uma escala que possui a dimensão de um fator diferenciado da personalidade.

Conclusão

Neste estudo, foi possível comprovar, através da análise fatorial dos testes CPS e IFP, a existência de uma estrutura fatorial correspondente ao modelo dos cinco grandes fatores, com as dimensões medidas pelos dois instrumentos agrupadas em cinco fatores. Verifica-se que tanto o CPS quanto o IFP, ao serem submetidos à análise fatorial, agruparam suas escalas nos cinco grandes fatores. Evidencia-se, assim, que tais fatores não emergem apenas através de instrumentos criados com o objetivo de identificá-los, já que é possível encontrar estruturas fatoriais equivalentes ao modelo dos cinco grandes fatores em instrumentos que têm como fundamentação outras teorias da personalidade.

Finalmente, é preciso apontar que o modelo dos cinco grandes fatores, apesar de apresentar explicações satisfatórias em relação aos processos universais da personalidade e às dimensões comuns das diferenças individuais, apresenta limitações ao tratar das características únicas dos indivíduos. Tal limitação torna este modelo dependente de outros sistemas de personalidade, na medida em que é usado como um referencial para interpretá-lo. Entretanto, isto não invalida sua amplitude, comprovada nos estudos transculturais, nem tampouco sua aplicabilidade para fins práticos e de pesquisa. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Comrey, A. L. (1997) Escalas de Personalidade de Comrey: manual técnico. Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.
- Comrey, A.L. & Schiebel, D. (1985). Personality Test Correlates of Psychiatric Case History Data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 53, 470-479.
- Costa, P.T. & McCrae, R.R.. (1992). NEO-PI-R: Professional Manual. FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, R. C. (2003). Escala de Personalidade de Comrey: Manual. 2.^a Edição. São Paulo: Vetor Editora.
- Digman, J. M. (1979). The five major domains of personality variables: Analysis of personality questionnaire data in the light of the five robust factors emerging from studies of rated characteristics. Paper presented at the Annual Meeting of the Society of Multivariate Experimental Psychology, Los Angeles, CA.
- Digman J.M. & J. Inouye (1986). Further specification of the five robust factors of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*. 50, 116-123.
- García, L. F (2006). Teorias Psicométricas da Personalidade. In: C. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais* (pp. 219-241). Porto Alegre: Artmed.
- Hair, JF; Anderson, RE; Tatham, RL & Black, WC (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5^a ed. Porto Alegre: Bookman
- Hutz, C. S.; Nunes, C.H.; Silveira, A.D.; Serra, J.; Antón, M. & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2. Retirado em 12 de agosto de 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000200015&lng=pt&nrm=iso
- McCrae, R.R. & Terracciano, A. (2005). Personality profiles of cultures: aggregate personality traits. *Journal of Personality and Social Psychology*. 89, 407- 425
- Mccrae, R. R (2006). O que é personalidade? In C. Flores-Mendoza & R. Colom-Marañón (Orgs.). *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais* (pp. 203-218). Porto Alegre: Artmed.
- Noller, P.; Law, H.& Comrey, A.L. (1987). Cattell, Comrey and Eysenck personality factors compared: more evidence for the five robust factors?. *Journal of Personality and Social Psychology*. 53, 775-782.
- Pasquali, L.; Azevedo, M.M.& Ghesti, I. (1997). *Inventário Fatorial de Personalidade: manual técnico e de avaliação*. São Paulo: Casa do Psicólogo

- Pervin, LA & John, OP. (2004). Personalidade: teoria e pesquisa. (R. C. Costa, trad.). 8ª ed. Porto Alegre: Artmed
- Ozer, D.J. & Reise, S.P. (1994). Personality Assessment. Annual Review of Psychology. 45, 357-388.

Recebido em: 15/08/2007

Revisado em: 22/10/2007

Aceito em: 23/10/2007

Sobre os autores:

Renata Saldanha Silva é aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: rsaldanha@ufmg.br

Carlos Guilherme Schlottfeldt é aluno do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Mariana Prates Rozenberg é aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Mariana Teles Santos é aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Álvaro José Lelé é professor do Centro Universitário Newton Paiva.